Apresentação:

A revista 16 da Série Iluminuras traz artigos das coordenadoras do Banco de Imagens e Efeitos Visuais. Estes dissertam a cerca do fazer antropológico e da construção e reconstrução narrativas elaborada pelos antropólogos no exercício de sua prática etnográfica. As autoras partem de sua experiência conjunta de elaboração e alimentação de um Banco de Imagens de Dados Etnográficos da cidade de Porto Alegre – O Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV) para discutirem através desta experiência antropológica o caráter narrador do antropólogo e as novas possibilidades narrativas que emergem na utilização das novas tecnologias criando assim uma hipertextualidade que ecoam várias vozes de uma mesma cidade.

No artigo “A natureza da representação e a produção de conhecimento na Web” as autoras explicitam as operações técnicas e intelectuais que colocam o Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV) como um espaço que se dirige a criação de narrativas etnográficas reunindo documentos textuais, visuais e sonoras novos e antigos da cidade de Porto Alegre. As autoras através da discussão das narrativas impressas neste banco de imagem ressaltam a problemática do direito autoral como uma “dimensão ética – moral que orientam as falhas e hiatos da prática do campo antropológico”.

No artigo seguinte, “Escrituras hipermediáticas e metamorfose da escrita etnográfica na era das textualidades eletrônicas” as autoras ressaltam o desafio do trabalho do antropólogo ao trabalhar com o hipertexto e o caráter arbitrário e questionador da escrita hipertextual a cerca da autoridade do antropólogo face às múltiplas interpretações oferecidas ao leitor na explanação de múltiplas formas narrativas.

A escrita antropológica também é o foco dos artigos “As práticas políticas na escrita antropológica, etnografia em hipertexto e a produção de conhecimento em Antropologia”, assim como no artigo “Espaços virtuais, redes eletrônicas e o campo dos saberes em Antropologia”. Em ambos os artigos a autora trata da dimensão interpretativa que a arte de narrar do antropólogo condensa, em razão tanto do processo de edição e editoração da palavra e da imagem do outro, no espaço livresco quanto no espaço virtual, da experiências de campo.

Encerrando trazemos o artigo de André Sarmiento que trata do fenômeno do Orkut a partir de um estudo etnográfico. O autor situa o fenômeno no âmbito da cibercultura e analisa as práticas interativas e performáticas a partir desta novidade que emerge no processo da globalização e informatização potencializado pelas novas tecnologias.

Thaís Cunegatto